

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
2.º VOLUME

♦
ANTÓNIO MARINHEIRO
OS ANJOS E O SANGUE
O DUELO
O PECADO DE JOÃO AGONIA
ANUNCIAÇÃO

♦
ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS
DE LUIZ FRANCISCO REBELLO



Título: Obras Completas — 2.º volume

Autor: Bernardo Santareno

Capa: Delgado Godinho

Orientação gráfica: Secção Gráfica da Editorial Caminho

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho**

**© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1985**

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Dezembro de 1985

Depósito legal n.º 7002/85

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
2.º VOLUME



ANTÓNIO MARINHEIRO
OS ANJOS E O SANGUE
O DUELO
O PECADO DE JOÃO AGONIA
ANUNCIAÇÃO



Organização, posfácio e notas
de Luiz Francisco Rebello

editorial
CAMINHO

ANTÓNIO
MARINHEIRO

(O ÉDIPO DE ALFAMA)

Peça em três actos

1.ª edição, 1961 (Divulgação); 2.ª edição, 1966 (Ática).

Representada pela primeira vez em 26 de Abril de 1967, no Teatro Municipal de São Luís, pela Companhia Portuguesa de Comediantes, numa encenação de Costa Ferreira, com música de Carlos Paredes, cenário de Octávio Clérigo e figurinos de Miguel Neves, interpretada por João Perry (António), Eunice Muñoz (Amália), Maria Lalande (Bernarda), Henriqueta Maya (Rosa), José de Castro (Rui), Glória de Matos (A Louca), Madalena Braga (Mulher) e Gilberto Gonçalves (Homem).

Representada em São Paulo (Brasil) pelo grupo universitário de amadores O Tacho, numa encenação de Romano Rodrigues, com o subtítulo *O Édipo-Rei entre os Pescadores*.

Personagens

ANTÓNIO MARINHEIRO — 20 anos
AMÁLIA — 36 anos
BERNARDA — 60 anos
ROSA — 27 anos
RUI — 28 anos
A LOUCA — 50 anos
ANINHAS — 8 anos
ADOLFO — 30 anos

1.^a MULHER
2.^a MULHER
3.^a MULHER
4.^a MULHER
1.^o HOMEM
2.^o HOMEM
3.^o HOMEM

MULHERES E HOMENS DE ALFAMA

Lisboa, Alfama

Actualidade

Primeiro acto

O compartimento de entrada, em casa pobre de Alfama: um velho guarda-loiça, uma mesa redonda de centro, uma máquina de costura, cadeiras, etc.

Ao fundo, a porta da rua; ainda ao fundo, mas mais à direita, uma janela. À esquerda, uma porta que dá para o quarto de Bernarda (que serve também de cozinha).

À direita, porta para o quarto de Amália. Estas duas portas interiores apresentam, em toda a altura, cortinas de rede ou tecido adequado. Através da janela e da porta da rua, quando abertas, vê-se a frontaria duma taberna típica, além de outros elementos cenográficos definidores do ambiente de Alfama; por cima da entrada da taberna, um candeeiro antigo de iluminação pública, tipo lanterna grande.

No interior da casa de Amália, cavado numa das paredes, um nicho com a imagem de Santo António, em barro; em sítio adequado, um retrato do falecido marido de Amália; sobre a mesa, um candeeiro de petróleo; na pedra do guarda-loiça, um vaso de manjerico, etc.

É o fim duma tarde de Inverno: luz frouxa. Quando o pano sobe, Amália passa roupa a ferro e Bernarda, sentada perto da janela semiaberta, cose à mão um pano verde. As duas mulheres estão vestidas de preto. Laboram em silêncio; crispada, sombria, a expressão dos rostos.

Cena I

BERNARDA (*levanta-se, sempre calada, e vai buscar uma qualquer peça do vestido em que trabalha: esta, como muitas outras, está pendurada num dispositivo feito com o nó aberto duma corda suspensa do tecto; não chega lá*): Pronto! é escusado avisar-te... Ó mulher, tu não sabes que eu não alcanço aquilo?!... Irra, isto é uma danação! Estou fartinha de te dizer: o que for pra eu coser, quero-o ca em baixo!...

AMÁLIA (*levanta-se, sobe a uma cadeira e tira o pano, entregando-o a Bernarda*): Tome lá: é isto?

BERNARDA (*examinando a peça*): Parece que sim... É, é esta! (*Explodindo.*) Ó Amália, corta-me essa maldita corda! Que diabo, já viste alguém usar uma geringonça dessas pra pendurar a roupa?! Qualquer dia, caís daí a baixo e partes uma perna... Arranja um cesto, que raio! Sim, pra que serve isso?!...

AMÁLIA (*metendo a cabeça pelo nó aberto da corda: ironia triste*): Olhe, não vê? Pra me enforcar... (*Desce da cadeira e volta à tarefa anterior.*) Assim, a gente tem a certeza de que não desaparece nada: lembre-se do que aconteceu com a manga daquele vestido da senhora Ercília...

ANINHAS (*na rua, a bater à janela*): Senhora Bernarda!... Ó senhora Amália!?

BERNARDA (*que vai abrir a janela: com enfado, a voz cansada*): Diz lá, menina...? Que queres tu, Aninhas?...

ANINHAS (*mostrando a cabeça, através da janela*): A minha mãe manda dizer, se tem um bocadinho de açúcar que lhe empreste...?

AMÁLIA (*sem levantar os olhos do trabalho*): Dê-lhe, mãe...

BERNARDA (*dirigindo-se, pesadamente, para a porta da rua*): Açúcar, batatas, sal...: é tudo! (*A imitar Amália.*) Dê-lhe, mãe! Dê-lhe, mãe!... Ai, a casa é abonada, não haja dúvida! (*Abre a porta.*) Entra, menina!

Cena II

ANINHAS (*que entrou: beijando Bernarda na face*): Boa tarde, senhora Bernarda! (*A mostrar um púcaro de esmalte.*) É só uma pitadinha... prò café do meu irmão...

BERNARDA (*tomando, com rudeza, o púcaro das mãos de Aninhas*): Ai, descansa... Está descansadinha que levas pouco! Essa te garanto eu... (*Sai pela porta da esquerda, resmungona.*)

Cena III

ANINHAS (*para Amália*): Está zangada, a senhora Bernarda?!

AMÁLIA (*sorriso triste*): Isso sim, Aninhas! É modo dela...

ANINHAS (*nos bicos dos pés*): Quero dar-lhe um beijo, senhora Amália!...

AMÁLIA (*ternura*): Pois sim, filha... (*Volta-se para beijar Aninhas: de tal modo, que uma tigela com água quente, que servia para borrifar a roupa, cai sobre as mãos da menina; esta chora e grita aflitivamente. HorrORIZADA, a limpar as mãos da criança ao avental.*) Ai, Jesus! O que eu fiz!... Meu Deus, meu Deus!... Dói?... Dói-te muito, filha?... O que eu te fiz... O que eu te fiz!?... (*Beija as mãos de Aninhas.*) Mãe! Ó Mãe!?... (*Aparece Bernarda, à porta. A chorar.*) Queimeia-a, mãe!... Olhe, olhe praqui... Queime-lhe as mãos!... Jesus, Jesus Senhor!...

(*Aninhas continua a gemer.*)

Cena IV

BERNARDA (*assustada*): Deixa ver, Aninhas... Deixa cá ver... (*Observa as mãos da menina.*) Não... Não é nada! A água já não estava muito quente... Ora, isto passa num ar!... Vais ver, vais ver... Espera, espera aí um instante: vou buscar azeite... (*Sai pela porta da esquerda, voltando logo a seguir com a garrafa do unto.*)

AMÁLIA: Depressa, mãe!, antes que isto empole... (*Bernarda besunta as mãos de Aninhas com o azeite.*) Pobre criancinha!... Veja a minha cabeça, mãe: não sei como fiz isto!... (*Muito nervosa, a bater com as mãos na cabeça.*) Estou doida... Doida varrida; só faço mal... Só mal! (*Solução descontrolada.*)

BERNARDA: Pronto, Aninhas... E agora? Já não te dói tanto, pois não?... Espera aí... (*Vai buscar dois lenços, com os quais liga as mãos da criança.*) Ó Amália, cala-te, mulher: isto não é nada!?...

Cena V

ROSA (*entra aflita, empurrando a porta da rua. Corre para Aninhas, abraçando-a*): Ai, Jesus! Ai, a minha filhinha!... Que foi isto?!... Vamos prò hospital, vamos já!... Mostra, filha: quero ver, quero ver! (*Agressiva.*) Quem foi? Quem foi?!...

BERNARDA (*severa*): Não é nada, Rosa. Não grites! Daqui a pouco, junta-se gente à porta... Não grites, já te disse! (*Para duas Mulheres que, na rua, espreitam através da porta aberta.*) Eh, criaturinhas! Andando, andando... Ala, ala!... (*Fecha a porta, com estrondo.*) Coscuvilheiras!... (*Irada, para Rosa.*) Acaba com a choraminguice, cala-te!

ROSA: Dói muito, Aninhas?... Dói?...

ANINHAS (*mimo*): Dói...

ROSA (*brutal*): Que raio de gente esta! Como diabo fizeram isto à criancinha?! Nunca eu a tivesse cá mandado...

BERNARDA: Pronto, aí vem o coice! És pobre e mal-agradecida, benza-te Deus...

AMÁLIA (*torturada*): Fui eu, Rosa... Fui eu! Não sei... Ia a virar-me... Foi sem querer... (*Numa explosão de choro.*) Leva a menina, Rosa! Leva-a daqui! Estas minhas mãos estão amaldiçoadas: onde elas tocam, é isto que se vê... Sou eu, Rosa! Sou eu, sou eu!...

BERNARDA (*censura*): Ó Amália, tu sempre...

AMÁLIA: É verdade, é verdade! Tudo aquilo em que toco, se estraga... Não deixes vir aqui a menina, Rosa, digo-te eu! Não deixes...

BERNARDA (*autoridade*): Sossega, Amália! Toma tento nessa cabeça...

AMÁLIA: Eu ando a cumprir um fadário, mãe: isto é castigo, é castigo! As minhas mãos não merecem tocar numa criancinha... Deus não se esquece, não... Nunca se esquece! (*Ansiosa, terna e assustada.*) Guarda bem os teus filhinhos, Rosa! Não os largues, não os percas de vista...

ROSA (*admirada, Aninhas já não chora*): Ó Amália, mas...? Pronto, não te aflijas, mulher!... Já não te dói, pois não, Aninhas?... Isto não há-de ser nada...

BERNARDA (*dando o púcaro a Rosa*): Pega, leva o açúcar.

ROSA: Obrigadinha, senhora Bernarda!

BERNARDA: É pouco: tem paciência. Mas isto, agora, mudou de figura. Nesta casa, já não há ganho de homem. (*Pausa breve.*) Estamos praqui duas mulheres... Duas pobres mulheres, Rosa!... E, cá plo meu lado, já pouco faço... Ai, ai!... A vida, a vida... Dantes outro galo cantava! Ora, dantes...

AMÁLIA (*retomando o trabalho: dor viva*): Dantes, tinha o meu homem vivo.

ROSA (*a querer restituir o açúcar*): Se faz falta, eu...

BERNARDA: Leva, Rosa. Podes levar.

AMÁLIA (*absorta, suspendendo a tarefa*): Mataram-mo. Mataram-me o meu marido, Rosa...

ROSA (*curiosidade*): Acabou hoje o julgamento, não foi?...

AMÁLIA (*desalento, encolhendo os ombros*): Mataram-mo. Agora, praqui estou, sozinha...

BERNARDA: Julgamentos... Tribunais... Juízes: mentiras, Rosa! Poucas-vergonhas! (*Ódio.*) Soltaram-no! Absolveram o assassino! Vê lá tu, vê lá tu!...

ROSA (*estupefacta*): Não me diga, senhora Bernarda!?

AMÁLIA: Foi no peito, Rosa. Cravou-lhe a faca mesmo no centro do coração... (*Horror.*) Varou-o, de lado a lado! (*Ódio.*) E anda à solta... Aquele malvado, a estas horas, anda por aí livre: ri-se da gente, goza, come e bebe!... (*Mágoa infinita.*) Atravessou-o de lado a lado, Rosa!... Num segundo, acabou com ele num relâmpago: o tempo de a gente levantar os olhos pra Deus... Não mais! (*Apontando para fora.*) Ali... Ali, naquela maldita taberna! A vida dum homem é como a dum pássaro: um ai a leva!...

BERNARDA: Absolvido, Rosa! Isto brada aos céus... Ai, mas Deus não dorme!...

AMÁLIA (*com outro sentido, que não o de Bernarda. Dolorosamente*): É verdade, minha mãe. Deus não dorme! Vê tudo, nunca se esquece...

ROSA: Dizem que ele, o assassino, é muito novo... Um rapazelho ainda!...

BERNARDA: Qual, Rosa!? É um homem feito: tem vinte anos! (*Com rancor.*) E uma alma mais negra do que este pano... (*Mostra o tecido da saia.*)

ROSA: Mas dizem que foi o seu genro, quem o feriu primeiro...?

BERNARDA (*rancor, sempre*): Dizem...

ROSA: Que o outro viu-se obrigado a matar o teu homem, Amália, pra salvar a vida!?... É o que dizem...

BERNARDA: Foi; foi isso que todas as testemunhas disseram, hoje, naquele tribunal. E eles absolveram-no, está visto! (*Desdém desesperado.*) Ai, juízes, advogados...! (*Fúria.*) Mentiram! Mentiram todos!... O marido da minha Amália era um homem bom, um homem de paz, manso como o perdão de Deus... Mentiram! (*Mágoa agressiva.*) Então tu já não te lembras do meu genro, Rosa?!...

ROSA (*a medo*): Parece que estava bêbado, senhora Bernarda...?

AMÁLIA (*cansaço extremo*): Mataram-mo. Mataram-mo, Rosa! O resto... Há três meses, que eu não o tenho!... Quero lá saber desses falatórios! Isso não me importa, Rosa... Só sei que o meu homem está morto... Ai, mais morto que esta mesa! Ora, o resto...

ROSA (*encorajada*): O meu irmão Chico também estava ali na taberna, quando foi a desordem. Viu tudo! Foi o teu defunto marido que implicou com ele: chamou-lhe os piores nomes, provocou-o e, sem mais aquelas, puxou da navalha e deu-lhe um golpe no braço...! O outro, é claro, viu-se ferido, alagado em sangue, e... Olha, Amália, desgraças, desgraças que vêm ter com a gente! Tinha que ser, estava escrito...

BERNARDA: Tivesse eu marido ou filho vivos e tu havias de ver, Rosa, se esse malvado pagava ou não! Assim... Ai, tribunais, justiça...! E depois, viram-no com aquela carinha de anjo... Ó Amália, tu reparaste bem nele, no correr do julgamento? Só queria que visses, Rosa! Sério, triste, os olhos claros como água... Olha, parecia um santinho de altar! (*Feroz.*) Enganou-os! Intruju-os a todos! A estas horas, anda por aí a rir-se deles, da gente... Maldito! Assassino!

ROSA: Dizem que é muito bonito!?...

BERNARDA: Bonito, aquele demónio?! (*Levantando as mãos ao alto.*) Jesus! Isto brada aos céus! (*Para Rosa, agressiva.*) Feio, medonho... Mais feio que a peste, mais nojento que a cancri negra!... Ai, bonito!?...

ROSA: Pois olhe, senhora Bernarda, que não é essa a opinião das raparigas que o viram lá no tribunal. Uma estampa! Um cravo de cheiro!... Credo, o que elas praí apre-goam! Se eu te disser, Amália, que há quem tenha ido ao julgamento, só prò ver!...

BERNARDA: Maldito seja ele, mais a cadela tihosa que o pariu!

ROSA (*para Bernarda*): Isso, é a raiva que você lhe tem: não a deixa ver direito... Inda no domingo eu ouvi a Rosa Maria, lá em baixo na Ribeira... Jesus! O estendal que ela fez: até se juntou gente! Que não, que o rapaz era bom, que bastava olhar prà cara dele pra se ver que estava inocente, que tinha os olhos mais lavadinhos que a pescaria do alto, que... Eu sei lá, parecia tonta!

BERNARDA: Grandessíssima cabra! Eu... Eu é que devia ouvir esse sermão!...

ROSA: Que ele matou o seu genro em defesa, sem querer... Que a um rapaz assim, entregaria sem medo as chaves da sua própria casa... (*Riso brejeiro.*) Ai, o que eu me fartei de rir! Nesta altura, apareceu o marido, o Zé Martinho, que lhe deu uma destas estaladas no nariz!... Então é que foi ouvi-la, senhora Bernarda! Com o sangue a correr plos queixos, o que aquela alminha prali gritou! Que o outro o assassino, era um sol; que valia mais um único dos seus cabelos que o homem dela inteiro; que antes queria viver com ele uma hora do que a vida toda com o marido... Pumba! ainda não tinha acabado de dizer isto, e já o Zé Martinho lhe arriara outra punhada, que a deitou ao chão!... Pois julgas que ela se calou, Amália? Pôs-se a espernear como doída na calçada, e só dizia, com quantos bofes tinha: É lindo! Está inocente! É lindo, é lindo!... Olha, uma vergonha. (*Pausa breve; curiosa, inquieta, sensual.*) Ele é realmente assim, tão bonito, Amália?...

AMÁLIA (*dorida*): Eu nunca o vi. Nunca fui capaz de olhar para ele.

ROSA: Desgraças, Amália, desgraças!... Anda, Aninhas! (*Esta, durante as falas anteriores, esteve sempre num canto, entretida com um qualquer brinquedo.*) Vamos, vamos lá... Tenho o meu miúdo com anginas: queria ver se o pequeno bebia uma pinga de café. Por causa dele, não pude ir hoje trabalhar... (*Mudança rápida.*) Ó senhora Bernarda, afinal donde é o rapaz? Aqui, de Alfama, não consta que seja: plo